1.º ANNO — Sabbado, 29 de agosto de 1908 — Numero 28

O DEMOCRATA

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

DIRECTOR E REDACTOR
DR. ANDRÉ DOS REIS
REDACÇÃO—Rua Direita n.º 40

ADMINISTRADOR
BERNARDO TORRES
ADMINISTRAÇÃO—Praça do Commercio

REDACTORES
Albano Coutinho, Dr. Fernandes Costa e Dr. Samuel Maia

ASSIGNATURAS
Anno (Portugal e colonias) . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 »
Trimestre . . . . 300 »
Avulso . . . . 30 »

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA
Composto e impresso na Typ. Minerva Central de José Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS
Por linha. . . . . 20 réis
Repetições . . . . 15 »
ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

O Marquez de Pombal

Finalmente o governo, com o applauso de todos os partidos liberaes, tornou-se solidario com o voto das duas camaras, approvando a proposta de lei que auctorisa o Estado a applicar os lucros de uma emissão de moeda de prata, até á importancia de 200 contos, á construcção d'um monumento dedicado á memoria do primeiro Marquez de Pombal.

Bem haja o governo. E bem haja Portugal, que começa a pagar as suas grandes dividas, as dividas de honra, que são as que enchem de mais nobre orgulho os que d'ellas se desobrigam!

A despeito das invectivas e lamentações dos pessimistas e dos visionarios, que, vaidosos da sua intolerancia, só respiram a atmosphera viciada do papado, nós começamos a viver a vida dos povos que comprehendem a significação dos grandes feitos dos seus homens illustres e os sabem celebrar, alvoroçando o paiz com o esplendor de festas e monumentos que fallem á alma do povo e personifiquem a Historia no que ella teve de mais glorioso, escripto em paginas que attestam aos vindouros todo o brilho das luctas, empenhadas em tempos difficeis em prol das liberdades publicas e do engrandecimento da patria.

Hoje que, mais do que nunca, congregam as suas forças para hostilisar o partido republicano e todos os liberaes as columnas cerradas do jesuitismo, disfarçado aqui e acolá em adhesões desleaes e em falsos rasgos de philantropia, não podia chegar mais a proposito a invocação do vulto grandioso e imponente do marquez de Pombal, o rigido demolidor da Inquisição e da Companhia de Jesus, os dois colossos que elle reduziu a pó com a possante alavanca do seu genio valoroso e da sua inquebrantavel força de vontade.

A liberdade deve-lhe esse grande serviço. E nós, os republicanos, que vivemos da liberdade e pela liberdade, que avigorâmos no peito a crença de que uma nação só se engrandece pela morigeração dos costumes e pelas conquistas da democracia, manifestadas no culto e na propaganda das reformas verdadeiramente uteis a todas as classes sociaes, em harmonia com as tendencias e as aspirações do meio em que teem de imperar, nós curvâmo-nos, reverentes, perante a memoria do ousado reformador, e quizeramos que o dia em que, breve, se lhe levantará um monumento immorredouro, seja um dia de festa nacional, despertando no espirito de todos os portuguezes um grito unisono e eloquente contra o jesuitismo, e prenunciando uma era nova de regeneração e prosperidade para a terra que teve a dita de dar nascimento ao vulto gigante do marquez de Pombal.

ALBANO COUTINHO.

GATUNAGEM

Continua-se no mesmo tom. Os gatunos sem o freio da policia, que parece deixal-os perfeitamente á vontade, atacam para ahi a torto e a direito. Ninguem pode abalançar-se a transitar de noite pelas estradas.

O snr. Commissario de Policia, que providencias tem tomado para o caso? Dorme? Pois havemos de accordal-o!

Providencias, providencias! Dê-se uma caça muito a sério aos amigos do alheio. Nunca, em Aveiro, constou coisa egual á que se está passando. Ha muita gente que affirma serem os assaltantes trabalhadores na construcção da linha ferrea do Valle do Vouga. Se assim fôr, facil se torna á auctoridade averiguar-lhes os nomes e instaurar-lhes o competente processo. Como isto vae é que não pode ser!

VIOLENTOS SEMPRE!

A monarchia, já de ha muito divorciada da nação, mas de mãos dadas com os elementos reaccionarios, entrou na sua ultima phase:—agonisa.

E, porque vê approximar-se o seu termo, procura viver, a desgraçada, embora esses mais alguns instantes de existencia os consiga á custa de vilanias ou de infamias sejam de què natureza forem.

Apavora-a o seu triste fim, enlouquece-a o incremento da Democracia. D'ahi, as violencias sem numero contra as liberdades individuaes, d'ahi os successivos attentados de seus aulicos contra a propria lei constitucional que ella, pela bocca do seu chefe, jurou manter e guardar, mas da qual só faz caso, quando assim convém aos seus interesses.

O caso Heitor Ferreira é revoltante! Regressámos aos tempos ominosos de Pina Manique. Não ha liberdade; garantias individuaes são palavras vãs.

A liberdade do cidadão encontra-se á mercê do arbitrio dos esbirros policiaes que têm carta branca para arremeter contra os elementos avançados!

E é assim que se pretende accalmar! E' por esta fórma que *adiantadores* e *adiantados* julgam fazer entrar o paiz em uma era de paz e de tranquilidade! D'esta maneira imaginam sopear a marcha do paiz para a implantação da Republica! Loucos!

Posto que, no fundo, nós, democratas, lucremos com todas essas oppressões e violencias, que dão para a monarchia resultado contraproducente, a verdade é que esta situação não póde, nem deve continuar!

A agitação de espiritos é geral e as instituições bem a presentem. Em logar, porém, de procurarem desfazer esse mal estar em que todos vivem; em vez de se cumprirem, sem atropelo, as leis algo liberaes, que possuimos, segue-se o caminho inverso da provocação dos sentimentos democraticos, irritam-se as classes cultas e independentes, procura-se atear o incendio, aspira-se á conflagração geral.

Mas, a reacção — a alma damnada, inspiradora de todas essas perseguições—verá realisado o seu intento? Póde ser que sim. Não, porém, para ella triumphar, porque a victoria final será nossa, muito nossa.

Era o que faltava vêr Portugal, no seculo XX, epoca já adiantada da civilisação, governado pelo jesuitismo,pela padralhada, pela reacção!

D'essa nos ha de livrar o patriotismo do nosso povo,que, tendo conquistado a liberdade á custa de muito sangue, não está disposto a perdel-a.

O CARNEIREIRO

Este selvagem foi pronunciado por despacho do juiz d'esta comarca, sem fiança, pelo crime de estupro em suas proprias filhas. Do dito despacho aggravou para a Relação do districto. Como nenhum dos advogados da comarca quizesse acceitar a defeza do malandrete, foi-lhe nomeado defensor officioso o snr. dr. Valle Guimarães.

E' de esperar que, em vista das provas constantes dos autos, a Relação negue provimento ao recurso.

Entretanto, vêr-se-ha.

O LYCEU

Quando, em 1901, se levantou ahi a questão da mudança da guarnição militar da cidade e se propalava que, pela reforma do exercito, Aveiro ía ser privada do seu regimento de cavallaria, todos os partidos se uniram. Aconteceu que, n'essa data, o snr. conselheiro José Luciano, veio á Oliveirinha, visitar seu irmão, o fallecido conselheiro Mattoso. Os cidadãos de mais representação do nosso meio social accorreram alli a cumprimentar o snr. José Luciano, pedindo-lhe a sua interferencia perante o então ministro da guerra, Pimentel Pinto, para que d'esta cidade não fosse retirado o 7 de cavallaria. Depois o caso baralhou-se, como é sobejamente sabido, mas d'isso não tratamos aqui. O certo é que s. ex.ª, o snr. conselheiro José Luciano, depois de haver empenhado a sua palavra pela conservação do regimento, perguntou, na estação das Quintans, aos presentes quando se despedia, quaes os beneficios mais importantes de que Aveiro carecia.

Foi lhe respondido que a elevação a central do nosso lyceu era uma obra de justiça. Cremos que então o snr. Francisco Regalla, demonstrou a aquelle estadista qual a frequencia de alumnos do lyceu de Aveiro, pondo-a em comparação com a de outros lyceus centraes do paiz e fez-lhe vêr mesmo as vantagens que de similhante medida adviriam para a cidade e para os povos circumvisinhos. S. ex.ª, ouvimol-o,prometteu que,apenas o partido progressista voltasse ao poder, seria essa uma das suas primeiras medidas.

Isto já lá vão quasi 7 annos! O partido progressista já formou gabinete depois d'isso. A Associação Commercial, a Camara Municipal representaram já n'esse sentido, mas até hoje o poder central tem feito, como vulgarmente se diz, ouvidos de mercador.

Em que ficou, pois, a palavra do chefe progressista?

Comprometteu-se e não cumpriu.

Agora, que se encontra á frente do districto o snr. Conde de Agueda, que, com justiça se diga, alguma coisa tem feito em prol de Aveiro, por que não nos unimos todos outra vez e buscamos fazer interessar n'essa obra o snr. governador civil? Perante uma questão d'esta natureza nós, republicanos, não temos duvida em fazel-o.

O BURLÃO

O celebre gatuno que, intitulando-se doutor em leis e com uma procuração falsa, conseguiu em Lisboa hypothecar, como seus, varios bens pertencentes ao snr. Gavazzo, não é natural de Aveiro, como consta haver affirmado.

Ao que nos consta nem elle, nem sua familia são conhecidos n'esta cidade.

De passagem

Aveiro, 24—8—908.

Ha alguns dias que me encontro fóra de Lisboa, e, francamente, sinto calafrios só em pensar que muito breve terei de ir aspirar novamente essa atmosphera de odios.

Tão alheio me tenho mostrado a todas essas prepotencias que em Lisboa são constantes, que dir-se-hia ter-se de mim arredado esse bello espirito de revolta que uma situação irregular, criminosa mesmo, tem conseguido sustentar na consciencia de todo o cidadão portuguez amante da sua Patria.

E' que Lisboa sentida por quem está habituado a ouvir-lhe de perto os gemidos de soffrimento, resultante das affrontas vingativas do Poder, vendo as suas regalias espezinhadas por meia duzia de bestas magrinas, não é essa Lisboa que conhecemos pelos jornaes, não é a mesma que nos inspira, que nos revolta, que nos purifica a alma com os seus exemplos de civismo.

Não, não é. Em Lisboa o verdadeiro cidadão soffre constantemente o contacto brutal das instituições, contacto de que tem resultado o odio que essa capital não se cança de lhe patentear a toda a hora.

Ali a politica dos adeantamentos não é uma questão posta de lado ou mettida nas dobras do artigo 5.º.

Ali, mais do que em qualquer outros pontos do Paiz, ella será sempre discutida, no Parlamento da praça publica, pela razão que é dentro dos seus muros que adeantados e adeantadores se estadeiam no meio d'um criminoso fausto pago á custa do Paiz.

Até aqui fallou-se d'ella acidentalmente, agora porém citam-se numeros, apontam-se criminosos a dedo.

E se formos a vêr os estragos que essa questão fez nas fileiras monarchicas, deveremos notar que o effeito final d'essa campanha, que todo o

Paiz seguiu com interesse, não podia ser mais util para o partido republicano.

Não fez uma revolução atirando com o Povo de encontro ás instituições que o exploram, mas conseguiu completamente affastal-o d'ellas, para que de futuro seja possivel qualquer approximação.

Por este motivo se vive em Lisboa debaixo d'uma opressão estupida, que não se poderá tolerar por muito tempo. Lisboa é um feudo da reacção. Para toda a parte que nos voltemos encontramos, sempre a impôr-nos silencio, a attitude de tigrina d'uma besta fardada, ou a surda espionagem de um nojento magro.

Tudo isto deixou antever que a politica do padre Mattoso caminha sem embargos de maior, pela estrada que a reacção lhe impõe.

E por este caminhar não admirará se ámanhã tivermos ahi novinho em folha, um *Santo officio* com todos os melhoramentos que o actual estado de civilisação reclama.

Francamente chega a ser nojento, repugna a todos aquelles que teem dignidade em vêr um governo de acalmação, que tinha o dever de ser liberal, senão por vontade, ao menos por deferencia para com a grande maioria do Paiz, que bastas vezes lhe tem significado o seu descontentamento deixar livremente que uma horda sangrenta de reaccionarios faça a propaganda mais immoral, mais difamatoria, mais repugnante, contra homens cujo unico grande crime tem sido sacrificarem todas as suas regalias em proveito d'um nobre Povo, que por tal reconhecidamente os adora e respeita.

E' a vontade d'essa gente (que só tem prejudicado o thesouro, e cujas evoluções da sorte foram sempre um mysterio para o Paiz), que um governo de acalmação acata e respeita.

Ah, vil comedia!...

E' por isso que eu, temporariamente rendido á doce paz da vida provinciana, encontro n'este isolamento modesto, um carinhoso ambiente de Paz e de Verdade, que me seduz e affasta d'essa bella capital, hoje campo de manobras da quadrilha Magro & C.ª

IGNOTUS.

Dr. Alfredo de Carvalho

A casa de seu cunhado, o ex.mo snr. Manoel Maria Ferreira Souto, de Angeja, acaba de chegar dos Açores o nosso querido amigo snr. dr. Alfredo de Carvalho, integerrimo juiz de direito na ilha das Flores, d'aquelle archipelago.

O illustre magistrado, que ha poucos mezes deixou a comarca de Anadia, onde foi largos annos delegado do procurador regio, vem gozar ao continente o tempo de licença que ha pouco lhe foi concedida.

As nossas respeitosas boas-vindas.

VISITAS

Recebemos a dos nossos estimaveis collegas: *O Povo* e *A Verdade* respectivamente de Vianna do Castello e Santa Comba Dão. Agradecemos e vamos permutar.

Joaquim Antonio de Aguiar

Alguns jornaes de sexta-feira trazem o magnifico discurso proferido pelo distincto homem de sciencia, dr. Miguel Bombarda, em homenagem á memoria de Joaquim Antonio de Aguiar que extinguiu em Portugal, as ordens religiosas.

O dr. Bombarda, depois de se regosijar por vêr que a nação vae pagando as suas dividas de honra aos homens que bem a teem servido, que teem servido a causa da liberdade e do progresso, entra numa minuciosa analyse da acção social das congregações e do ensino jesuitico, demonstrando, com argumentos claros e razões decisivas, quanto sam perniciosos os coios reaccionarios á patria e á sociedade.

O dr. Bombarda terminou por fazer um caloroso elogio dos sentimentos liberaes de Aguiar, a cuja memoria a cidade de Coimbra vai mostrar a sua gratidão, erigindo-lhe um monumento.

São de todo o ponto justas as palavras do illustre deputado independente, pois Joaquim Antonio de Aguiar foi um estadista de pulso, desassombrado e abertamente liberal.

Recommendamos, pois, a leitura do discurso aos nossos correligionarios.

IGNOTUS

Em viagem pelo norte esteve ha dias, em Aveiro, este nosso presado amigo e distincto colaborador do *Democrata*.

SOCIALISMO

Chama-se socialismo toda a concepção que em opposição, com a doutrina individualista, vê na socialisação immediata ou progressiva, voluntaria ou forçada, a condição *sine qua non* de todo o progresso.

Para os socialistas, o que constitue um progresso não é propriamente uma riqueza, nem uma invenção, nem uma maxima, mas a utilisação social que é feita *d'estas coisas*, ou, em outros termos, a incorporação na communidade das vantagens que representam.

Em França, de 1750 a 1789, o «socialismo» elabora-se por «theorias da parcella»; manifesta-se, depois da Revolução, pelas doutrinas de Babeuf e pela conspiração dos eguaes; encontra-se no fundo das doutrinas de Saint Simon (sem communismo, mas com estadismo) e de Fourier (sem estadismo e, com elle, appello á cooperação e dos syndicatos).

Fortifica-se em 1830 a 1848, nas sociedades secretas e com o apoio de Luiz Blanc, Pecqueur, Cabet e Proudhon; formula-se com Karl-Marx e o manifesto dos communistas inspira a Internacional; por fim torna-se, a partir de 1870, objecto das mais vivas discussões no proprio seio do partido socialista.

O «socialismo blanquista» manifesta tendencias communistas; o «socialismo possibilista» não differe do «marxismo» senão em pontos minimos; mas no marxismo Kautshy e Julio Guesde oppõem-se energicamente, como revolucionarios, a Bernstein, a Jaurès, e, em geral, aos socialistas parlamentares, que repudiam o appello á violencia e preconisam a conquista provisoria do poder politico.

Todos os socialistas collectivistas são adversarios de hereditariedade das propriedades e partidarios do regresso dos bens á collectividade, ou seja communal (ha um «socialismo municipal», que em Inglaterra é representado por Sidney Webb e pelos «fabianos»), ou seja nacional ou internacional. Este «regresso» suppõe expropriação, com ou sem indemnisação; permittiria a «socialisação» (nacionalisação ou municipalisação) dos meios de producção, a repartição equitativa, entre todos, do trabalho commum e a distribuição dos objectos de consumo, quer segundo o trabalho de cada um, quer segundo as suas necessidades.

O «socialismo» collectivista esteve frequentemente em opposição com a mutualidade proudhoniana de que os syndicatos e cooperativas participam.

Comtudo, as Bolsas do trabalho, que caracterisam a organisação operaria da França —como os trade-union da Inglaterra e as cooperativas da Belgica, como a Confederação do trabalho nos Estados-Unidos—foram consideradas depois de muitos conflictos entre socialistas puros e syndicados, sendo possivel tornar-se excellentes meios de organisação social e até de *lucta* de classes; todavia, o movimento syndical e o movimento socialista estão longe de poderem ser confundidos.

Um socialismo profundamente differente do collectivismo (de que a doutrina marxista sobre o desapparecimento necessario do capital e do salariado é a feição predominante) é o socialismo de cathedra, que se preoccupa fornecer ao Estado, pessoa moral, segundo a concepção de Hegel, os meios de intervir efficazmente na lucta entre o capital e o trabalho.

Chama-se-lhe ás vezes «socialismo do Estado», mas não se confunda com o puro estadismo ou doutrina collectivista, na qual o Estado se torna o unico productor, o unico patrão. E' um socialismo de universitarios allemães (Schomoller, Wagner, Brentano, Schaeffle, Engel, discipulos de von Phüneu, Roscher e List), adversarios da economia politica orthodoxa e muitas vezes collaboradores do governo imperial.

A sua primeira reunião annual foi em Eisenach, em 1872. Chamou-se *socialismo christão* quer á doutrina que propõe a restauração, sob a égide da egreja catholica, das antigas corporações, quer, em geral, a um movimento que levam certos catholicos militantes para as questões sociaes e para a defeza ardente dos seus interesses religiosos.

O «socialismo» agrario (Jorge e Loria) considerado por vezes como um perigo pelos *collectivistas* revolucionarios, tem sido, desde o congresso de Marselha em 1892 e de Breslan em 1895, o objecto d'um programma especial de estudos; um grande numero de socialistas que tomam por alvo a *nacionalisação* do solo, admittem como solução transitoria a conservação da pequena propriedade, como expropriação dos proprietarios que a não cultivem elles mesmos.

(Encyclopedia Portugueza).

Club Mario Duarte

Realisa-se ámanhã, ás 4 e meia horas da tarde, a grandiosa e extraordinaria corrida, organisada por um grupo de socios do Club Mario Duarte em honra dos Bombeiros Voluntarios e excursionistas de Coimbra, e em que tomam parte amadores do Porto, Espinho e Aveiro e os celebres niños sevillanos Gallito III e Limêno II, que no domingo passado tanto enthusiasmo causaram no Campo Pequeno, em Lisboa.

Lidar-se-hão 8 garraios, apartados expressamente nas manadas do snr. Alberto Vaz, de Montemór.

Cavalleiros os srs. Mario Duarte e Mario Moreira; bandarilheiros os srs. Alberto Fernandes, Francisco da Encarnação, Alberto Souto e A. A.; forcados os srs. A. Pinho Soares (cabo), Adolpho Meyrelles, Bernardo Meyrelles, J. Gomes de Sousa, J. Mendonça Barreto, A. d'Oliveira Costa, A. Couceiro e Antenor de Mattos; campinos os srs. Eunes da Silva, A. Rocha, Lino Marques e A. S.; carecas os srs. Apparicio Miranda e João J. Gonçalves.

Coadjuva a lide o valente novilheiro El Chicorrito.

Dirige a corrida o distincto afficionado snr. Ricardo Arroyo, do Porto.

Detalhe da corrida: 1.º touro para o snr. Mario Duarte; 2.º para Gallito e Limêno; 3.º para os srs. A. Fernandes, F. Encarnação e A. Souto; 4.º para Limêno e Gallito; 5.º touro para o snr. Mario Moreira; 6.º para Gallito e Limêno; 7.º para o snr. Mario Duarte, a sós; 8.º para os snrs. F. Encarnação, A. Souto, A. Fernandes e A. A.

PESCA

Em virtude da nortada rija, que fez nos primeiros dias de esta semana, o mar embraveceu nas praias do nosso littoral, não permittindo por isso o exercicio da pesca, o que tem motivado a escassez de peixe que se nota no mercado.

Regicidas exigindo companheiros

As gazetas reaccionarias, inspiradas pelo paço e pelos bispos, botam indignação por que o sr. Heitor Ferreira foi reconduzido á liberdade, em vez de ser dado como cumplice no regicidio, por na sua qualidade de espingardeiro ter vendido a carabina encontrada na mão de Buiça.

E' caso para meditar esse da insistencia de regicidas na descoberta de auctores de regicidios.

Os reaccionarios, n'este momento tão zelosos da vida dos Braganças, ou esquecem o seu passado ou pretendem encobrir com o seu zelo alguma das suas tratantadas de grosso calibre.

Pois elles, que não tiveram escrupulos de cortar pela raiz, á nascença, a dynastia dos Braganças, indignam-se porque alguem attentou contra a existencia de uma das suas vergonteas!

Olhem que um arcebispo de Braga, D. Sebastião de Mattos Noronha, e um inquisidor-geral do reino, D. Francisco de Castro, pessoas de preclarissimas virtudes catholicas e flôres fragrantissimas do florilegio reaccionario, conspiraram para assassinar D. João VI; e se não executaram esse rei, tronco da dynastia d'onde brotou o sr. D. Carlos, foi porque os seus designios foram presentidos a tempo de serem evitados.

E sabem o motivo que levava esses dois principes da egreja a assassinar o primeiro rei brigantino?

Para entregar Portugal novamente ao dominio de Castella.

Regicidas e traidores á patria!

(Da *Vanguarda*).

EXCURSÃO

Está definitivamente resolvida a visita dos excursionistas do Porto a esta cidade, no dia 6 de setembro proximo. O *Recreio Artistico* emprega os maiores esforços para que a recepção dos excursionistas revista o maior brilho e imponencia, estando por isso a elaborar um programma de festejos que hão de fechar com chave de ouro todos os divertimentos do presente verão em Aveiro.

Artes & Artistas

Vimos ha pouco de Coimbra, deixando lá, com saudade immensa, o convivio da extremosa familia e a estima dos amigos de infancia, e onde de novo visitámos com veneração os vetustos monumentos, e admirámos as preciosidades artisticas e archeologicas que em abundante copia alli existem, esmeradamente conservadas.

Na nossa costumada digressão de analyse pelas obras de arte, tivemos o prazer de admirar detidamente, demoradamente, as primorosas concepções em pedra e ferro forjado, devidas ao já grande saber profissional de dois artistas de raça, sobejamente consagrados: João Augusto Machado, canteiro, e a quem os criticos de ha muito classificaram de esculptor, e Lourenço d'Almeida, serralheiro. E assim, debaixo d'aquelle culto de admiração, é que fomos ver, entre outras obras, o magnifico altar em pedra, de Nossa Senhora da Conceição, na egreja de Santa Cruz, que tanto elogio tem creado, com jus, ao velho amigo João Machado, e varios trabalhos do snr. Lourenço d'Almeida, um artista que produz, de sob o malho, graciosos exemplares da flora e até da fauna, que, como aquelle, parece bem conhecer.

Alguns artistas de Aveiro já conhecem varias producções d'aquelles grandes e elogiados artistas conimbricenses, e brevemente terão occasião d'apreciar, no soberbo palacete do snr. Mario Pessoa, ao Rocio, novos trabalhos d'aquelles dois individuos, na cantaria da fachada e no triplice portão do lindo predio.

Ahi fica a noticia aos cultores da arte, demais agora que o trabalho em ferro forjado parece querer desenvolver-

se em Aveiro, tendo já um modesto artista nosso lançado á admiração do publico as primeiras tentativas da sua não vulgar aptidão.

NEMO.

TOURADA

Com meia casa e grande enthusiasmo dos afficionados, realisou-se no domingo a tourada organisada pelo eximio bandarilheiro Jorge Cadete. O gado, posto que mais manso do que o do anno passado, cumpriu em geral. *Morgado de Covas*, o estimado cavalleiro, teve alguns ferros bons, mas, no segundo touro, deixou que a montada fosse tocada pelo cornupeto, motivo por que alguns espectadores se lhe mostraram adversos, criticando-o asperamente.

Cadete, como sempre, bem; Theodoro, inimitavel nos seus trabalhos de capa. Ribeiro Thomé mostrou saber e ter vontade de trabalhar. Saldanha teve um par soberbo mas já está cançado. Jayme Cadete, esse moço, que é uma esperança do toureio nacional, com muito brilho e arte enfeitou o garraio que lhe foi destinado, recebendo enthusiasticas ovações, aliás, muito merecidas.

Emfim, a festa agradou, sendo pena que Cadete não tivesse uma enchente *á cunha*.

Assistiram ao espectaculo a Phylarmonica de Angeja e a Banda do Asylo Escola Districtal.

PRAIAS E THERMAS

Vindos das thermas de Sanguinhêdo de Cotta (Serra da Estrella), são esperados dentro em breves dias, em Valle Maior o mimoso poeta Antonio Corrêa de Oliveira e seu cunhado, o nosso amigo e illustre prosador snr. Domingos Guimarães e familia.

*

De Luzo, regressa hoje a esta cidade o snr. Agapito Rebocho e familia.

*

Das thermas de Luzo para a Figueira, devem partir ámanhã, em digressão, os nossos collegas do *Povo da Murtosa*, dr. Carlos Barbosa e Joaquim Soares.

*

Começam a estar muito animadas as praias do Pharol e Costa Nova, onde se encontram numerosas familias.

Chronica de Cacia

—Ora salve-o Deus, *ti Manel*, que já ha mais de 3 quinze dias que ninguem le *pranta* a *vista in riba!*

E' *berdade*, rapaz, é *berdade!* Isto é já o caruncho qu'anda c'o *cadavre* ás *boltas*. Bem *bês* que já não sou rapazinho! Já *bou p'r'os* 80!

—Trêtas, *ti Manel*, trêtas! *Bomecê* inda ha-de *biber* o preciso p'ra *ber* o seu *indeal* implantado! Isto, p'los modos, *bae* mal p'ra monarchia ao que dizem as gazetas!..

—*Ná!* Já não é o filho de meu pae *qu'adrega* de *ber* isso! Com *munta* pena o digo mas tenho cá dentro uma coisa que me segreda, que não! Isso é *bô* p'ra *bocês*, qu'inda são moços!

—E quem *le* diz a *bomecê* que não chega aos 100 annos, como seu pae, que Deus haja!

—Isso sim! Eu é que me sinto!

Trabalhê munto! Este corpinho está mortificado de *cancêras* e faltas que passou só p'ra que ao canto da arca nunca faltasse uns tristes *bintens* p'ra pagar as decimas, as sizas, as congruas e todas as *alcabalas* com que a ladra da monarchia esfola o *probe* do *Pobo!* E como eu *cantos* por esse paiz alem o tem tirado á barriga só p'r'a *qu'in* Lisboa o rei, os *menistros*, os grandes figurões da côrte e toda a *malcatrefa* de costas *derêtas bibam rigalados sin* saber *canto* custa a *bida*. E que o não *fazessemos* que lá *estabam* os *citótes* d'olho a *esprêta* p'ra nos penhorar os tarécos?!...

—Ah! *ti Manel! Bomecê* c'os seus cabellos brancos a fallar assim da monarchia *inté* faz chegar as lagrimas aos olhos!

Cando um *home* da sua *indade* e c'o a *prategа* da *bida* de *bomecê* falla assim, é porque tem *rezão!*

—*Intão* que querias tu?! Querias que dissesse bem d'um governo de desalmados que fazem *esterlicar* o *pobo* de fome, *roibando-lhe* as *inconomias*, o pão dos filhos e negando-lhe a *estrucção*. Nada, não póde ser!

Por isso *canto* mais *bou* na *indade* mais me agrado da Republica! Pena tenho eu que estes, que a terra ha-de comer, já não a *bejam!*

—Ai! *bêem, bêem*! P'lo rumo qu'isto *leba* quasi que não se me *daba* d'apostar. Pois o *ti Manel ingnora* qu'a fome já anda por essas *probincias* fóra?! Não bê que o milho está p'la hora da morte! O *binho* sem sahida e quasi que *balendo* tanto como a agua?! Os *labradores* cada *bez* mais arruinados e p'la mal dos nossos peccados inda por cima esta maldita sequeira que deu cabo das *nobidade?!*

—E' certo! E' certo! Mas *berdade, berdadinha*, é que d'aqui até esse grande dia inda *bae* algum *tempito* e eu sinto que já me *bae* faltando a gazolina p'ra lá chegar! E p'ró quê *berás!*

—Ora deixe-se d'isso, *ti Manel!* Inda *bomecê* ha-de accordar *estremunhado* ao luzir da alva ao som dos foguetes, da *Marselhêza* e da *Portugueza*, e *intão* é qu'é *bel-o!...*

—E *biba* o *belho*, ias a dizer, não? Pois bem! se tal *acontecer*, e eu com *bida*, n'esse dia dou um banquete no campo, á sombra dos salgueiros, regado com boa pinga a todos os nossos amigos cá da freguezia. *Inté* podes *cumbidar* o prior Narciso, mas com uma condicção: é que em logar de mitra ou coisa parecida n'esse dia tem elle qu'enfiar um barrete phrygio na cabeça.

—E elle qu'acceita! Em lhe cheirando a dar á queixada e em molhar a guela *bae* nem que seja p'r'as profundas do inferno!

E' um *bô gastrinome* como dizem os da *cedade*! Assim elle não perca o *apputite* c'o a *notiça* da *binda* da Republica!...

—Mal sabe elle o que lhe está guardado cá com *respêto* ao *cedadão!...*

—Intão o que é, oh! *ti Manel!*

—E' que no dia em que *espichar* não lhe dou a *estifação* de m'encommendar. Já tenho as minhas disposições *fêtas* a tal *respêto!*

—*Intão* bate-se *cum interro* p'lo *cebil*, hein?!

—E' como cantas! Nunca me dei bem com padres! Sempre são *homes* que *bestem* p'la cabeça, *cum'as* mulheres! E então aquella *resmungadela* d'elles em *latinorio*, com o seu arrôto á mistura, qu'*inté* faz *quezilia*!

Arreda?!...

—Eh! c'o diogo! Intão é *bomecê* o *primêro* cá da freguezia a desquitar-se da *ingreja*!?

—E' p'ra que saibas! *Cum*'assim o *Zé do Sacho* tanto m'*arrecebe lebando* recommendação da *ingreja*, como não! Ao mesmo tempo matto 2 coelhos com uma cajadada: sigo uma *indeia* minha e *poipo* aos meus mais uns tantos cobres com a dispensa da *relingião*. E crê que nem por isso deixo de fazer a grande *biage*!

—Lá isso é *berdade*! Mas assim *bae* o *ti Manel* p'r'o inferno em *canto* que pela *ingreja* ia p'r'ó céu!...

—Trêtas, meu rapaz, trêtas! Isso é *bô* para este mundo! N'elle é que ha céu e inferno! Queres saber p'ra quem é o céu n'este mundo? E' p'r'áquelles qu'engordam á custa do *probe povo*! E quem são elles? São os reis, os *menistros*, os padres, os *homes* dos *manipolios*, os usurarios, *os agiotas*, a grande *bruguezia* e todos aquelles cujas fortunas foram amassadas com o sangue e o suor de nós todos. Percebeste? No outro mundo nada d'isto existe. A nossa grande mãe, a Terra, a todos nos recebe por egual, crê. A prova é que ella até hoje ainda não expulsou das suas entranhas nenhum dos grandes tratantes que n'ella encontraram sepultura. Pergunta-lhe se ella engeitou os ossos de Torquemada, Ignacio de Loyola, Luiz XI e outros grandes marôtos que fizeram do altar e do throno um instrumento das suas ruins paixões? Já *bês* que isto de céu e de inferno com que os padres nos *ingrolam*, é uma santa cantiga p'r'ós papalvos. Ora como se não *bibe* de cantigas mas sim de pão, *binho* e carne já é tempo d'abrirmos os olhos e não nos deixarmos ir no embrulho! *Bonda*, pois, d'intrugices! Nada de padres nem de reis que por elles muito tem soffrido a Humanidade. E, adeus, meu rapaz que a *paróla* já *bae* longa!...

—Adeus, oh! *ti Manel*! Appareça mais *bezes* qu'agente sempre gosta de o oibir! *Bomecê* falla como um *libro* aberto!...

Cacia, 26—8—1908.

Aido de Cima.

RANCHO DE TRICANAS

Exhibiu-se mais uma vez no domingo á noite em nosso Jardim Publico, o rancho das tricanas de S. Martinho. Não podemos assistir ao festival em honra do Montepio Aveirense; consta-nos, porém que aquelle rancho se apresentou distinctamente, motivo por que o felicitamos.

COSTA NOVA

A Costa Nova do Prado,
A' beira d'um lago bello,
Ao longe, parece um trecho
De Vianna do Castello.

E vista da Outra Banda
Onde demora a Gafanha,
Semelha mesmo um presepio
Que as aguas do lago banha.

Panorama assim, tão lindo,
Tão sereno e surprehendente,
Poucos conheço na terra
D'aspecto mais attrahente.

As casinhas alinhadas
Em curva branda, suave,
Cercar parecem o lago
Como a aza d'uma ave.
E todas tão donairosas,
Tão garridas, nas pinturas,
Q'ao vêl-as, julga-se logo
Que são ninhos de venturas.

Eu sinto-me apaixonado
Por esta praia tão bella,
Que tem tanto de formosa
Como de lêda e singella.

O lago com seus fulgores,
Cheio de peixe e bateiras,
Mostra bem, em cada casa,
Affeições ter verdadeiras.

Pois todas ellas, revendo-se
No brilho de suas aguas,
Revêlam, nas côres alegres,
Que n'ellas não moram maguas.

UM FORASTEIRO.

Uma planta humana

A mandrágora, planta bem conhecida pelas suas qualidades narcoticas, tem as raizes formadas de tal modo, que lembram a silhueta do corpo humano: nunca nenhuma outra planta foi tão empregada na feitiçaria.

Em Paris mesmo, teve a sua hora de voga no seculo XV, em que os franciscanos commerciavam com ella. Actualmente, ainda alli muita gente do campo acredita no poder da madrágora, assegurando que, todo aquelle que achar uma d'essas plantas, deve levar-lhe de comer todos os dias, pão, carne, etc., pois tudo lhe será restituido no dobro; e ai d'aquelle que fugir ao cumprimento d'esse dever, porque morre impreterivelmente dentro de esse anno.

Dizia-se, tambem, que as raizes da mandrágora eram dotadas de sensibilidade, e que gritavam, quando as arrancavam da terra. Por isso prescrevia-se a todos que iam apanhal-as, que tapassem bem os ouvidos.

ANNUNCIOS

Arrematação

(2.ª PUBLICAÇÃO)

POR *deliberação do conselho de familia, no inventario orphanologico a que n'este juizo e pelo cartorio do escrivão do segundo officio Barbosa de Magalhães, se procedeu por fallecimento de Manoel Lopes Vieira, casado, que foi morador no logar de Sam Bento, freguezia da Oliveirinha, d'esta comarca, e em que é inventariante e cabeça de casal Maria Fernandes da Graça, viuva do fallecido, do mesmo logar, vae á praça, pela segunda vez, para pagamento do passivo e custas a cargo dos menores, no dia seis do proximo mez de setembro, por onze horas da manhã, no Tribunal judicial d'esta comarca, sito no Largo Municipal d'esta cidade, para ser arrematado por quem mais offerecer acima do preço em que é posto em praça, o seguinte predio adjudicado no mencionado inventario aos menores Manoel e Ascenção, netos do inventariado:*

Numero oitenta e nove.—*Um pinhal na Caramanha, freguezia de Nariz, no valor de oitenta mil réis.*

Toda a contribuição de registo e demais despezas da praça, serão por conta do arrematante.

Pelo presente são citadas todas e quaesquer pessoas incertas que se julguem interessadas na alludida arrematação para virem deduzir os seus direitos sob pena de revelia.

Aveiro, 10 de agosto de 1908.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Ferreira Dias.

O escrivão do 2.º officio,
Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.

AVISO

Maria da Cruz Rainha, solteira, maior, lavradora, d'esta cidade, faz publico que, n'esta data, revogou, nos termos do art. 646 do cod. proc. civil, toda e qualquer procuração que haja conferido a Manoel Nunes Carlos ou Manoel Pataco, casado, lavrador, residente no visinho logar de S. Thiago.

Aveiro, 29 de agosto de 1908.